

TUDO ANDA EM CÍRCULOS: ELEMENTOS MÍTICOS EM *COM ARMAS SONOLENTAS*, DE CAROLA SAAVEDRA

LUANA JÉSSIKA DELLA-FLORA*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (Bolsista Capes), São Paulo, SP.

Recebido em: 9 mar. 2019. Aprovado em: 18 jun. 2019.

Como citar este artigo: DELLA-FLORA, L. J. Tudo anda em círculos: elementos míticos em *Com armas sonolentas*, de Carola Saavedra. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 19, n. 2, p. 32-42, 2019. doi: 10.5935/cadernosletras.v19n2p32-42

Resumo

O presente artigo busca demonstrar como os mitos são capazes de construir relações com obras contemporâneas. Partindo dos estudos e conceitos definidos pelo mitólogo romeno Mircea Eliade, analisa-se a obra *Com armas sonolentas*, da escritora Carola Saavedra (2018), e conclui-se que ela se aproxima da narrativa mitológica devido a muitos aspectos, como personagens sobrenaturais, ritualizações, um passar de tempo não histórico e cíclico e, por fim, pelo tema central da obra que se conecta diretamente com a própria definição de mito: a busca pela compreensão da origem.

* E-mail: dellafloralu@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0001-7425-6648>

Palavras-chave

Mito. *Com armas sonolentas*. Origem.

O mito como narrativa vem sendo estudado e analisado ao longo dos anos, porém não sempre da mesma forma nem sob a mesma perspectiva. Segundo o filósofo Mircea Eliade – um dos principais pesquisadores dessa área de estudos –, até o século XIX, o termo “mito” era utilizado apenas como sinônimo de algo inventado, falso, fictício. Foi só a partir do século XX que estudiosos do Ocidente retomaram o sentido original do termo, compreendido pelas sociedades arcaicas como algo verdadeiro, uma “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (ELIADE, 1972, p. 6). Desse modo, é possível dizer que, atualmente, circulam as duas acepções, sendo a original mais utilizada nos meios acadêmicos, uma vez que, para compreender expressões míticas de povos antigos ou contemporâneos, é necessário analisá-las sob uma perspectiva histórico-religiosa, e não as desprezar sob a ótica da ficção ou fantasia.

Por ser uma “realidade cultural extremamente complexa” (ELIADE, 1972, p. 6), o mito é de difícil definição. Nesse sentido, Eliade (1972, p. 9) propõe uma acepção ampla:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. [...] Em suma, os mitos descrevem as diversas, e alguma vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “Sobrenatural”) no Mundo.

No que diz respeito à sua função, o mito é entendido como um arquétipo para as ações dos sujeitos, fornecendo “modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência” (ELIADE, 1972, p. 6).

Em *Mito e realidade*, Mircea Eliade (1972) apresenta uma série de reflexões sobre diversos aspectos mitológicos, com exemplos de diferentes culturas

em diferentes países do mundo e em diferentes épocas da história, abarcando, inclusive, a questão da sobrevivência dos mitos em tempos modernos. Sobre essa questão, o autor aponta a narrativa épica e o romance, além de outros gêneros literários, como prolongadores da narrativa mitológica, pois, “em ambos os casos, trata-se de contar uma história significativa, de relatar uma série de eventos dramáticos ocorridos num passado mais ou menos fabuloso” (ELIADE, 1972, p. 133). Eliade (1972, p. 134) salienta que, nas sociedades modernas, o romance, ou, de forma geral, a prosa narrativa, ocupou o lugar que a recitação dos mitos possuía nas sociedades arcaicas, afinal, “a necessidade de se introduzir em universos ‘desconhecidos’ e de acompanhar as peripécias de uma ‘história’ parece ser consubstancial à condição humana e, por conseguinte, irredutível”.

Nesse sentido, é possível verificar no romance mais recente de Carola Saavedra, premiada escritora brasileira, elementos que se enquadram na categoria mítica, conforme as características discutidas anteriormente. *Com armas sonolentas* (SAAVEDRA, 2018) narra a história de algumas mulheres cujas trajetórias se conectam, seja pelos laços consanguíneos e, conseqüentemente, pelos conflitos morais e desafios socioculturais a que são confrontadas durante a vida, seja pelas intervenções do “desconhecido”, do “fabuloso” ou insólito em suas histórias.

Na obra, somos apresentados a um número considerável de personagens majoritariamente femininas, no entanto, como os próprios nomes dos capítulos sugerem, três delas estão em destaque: Anna, Maike e Avó. O termo “avó” que identifica uma personagem sem nome pode causar certa confusão ao leitor, considerando que sua neta não é nenhuma das duas outras personagens em evidência, mas, sim, a mãe de Anna, que também não possui nome na obra; sendo assim, a “Avó” é, na verdade, bisavó de Anna e tataravó de Maike, conforme explicitado na Figura 1. Desse modo, é possível afirmar que *Com armas sonolentas* compõe uma obra sobre as gerações de mulheres de uma mesma família, com foco no tema da maternidade, que cada personagem expõe de uma maneira completamente diferente, configurando um catálogo bastante heterogêneo acerca do significado de ser mãe e, em sentido amplo, uma reflexão sobre o ciclo da vida.



Figura 1 – Genealogia das personagens principais de *Com armas sonolentas*.

Fonte: Elaborada pela autora.

Os primeiros sinais míticos na obra de Saavedra aparecem na apresentação da Avó, que deixou sua terra indígena, no meio do mato, ainda jovem, e trouxe de lá o dom de ouvir os espíritos, embora tenha perdido a capacidade de ouvir diretamente os ancestrais – punição para quem abandona sua terra originária. Com esses dons de escuta, veio também a sabedoria das ervas e das folhas e a habilidade de enxergar na natureza a continuação do próprio homem. Quando a mãe decide enviar a filha para trabalhar de empregada no Rio de Janeiro, a menina recorre à Avó, que sempre teve uma postura amorosa e protetora com ela. No entanto, dessa vez, a Avó não intercede: “filha, não há como fugir do destino” (SAAVEDRA, 2018, p. 133). Em outras passagens da obra, essas características de sabedoria, proteção e aconselhamento da Avó também são evidenciadas, confirmando-a como uma personagem que metaforiza a figura do guia, do mestre, principalmente após sua morte, quando ela – a Avó – retorna para a vida da neta (a mãe de Anna), encorajando-a em sua jornada, isto é, um ente sobrenatural atuando como um sábio guardião: “a avó gostava de conversar com ela, uma conversa só de palavras da avó” (SAAVEDRA, 2018, p. 133).

Outro elemento “que não pertence ao cotidiano” (ELIADE, 1972, p. 12), ou seja, outra irrupção do sobrenatural, aparece com frequência na obra, além da personagem da Avó já morta: uma capivara falante. Logo após morrer, a Avó conta que saiu de seu corpo e, então, uma capivara surgiu: “foi quando ela apareceu, a capivara, já te falei?, não?, não é uma capivara qualquer, trata-se de um exemplar especial, a mensageira dos mundos” (SAAVEDRA, 2018, p. 248). E o roedor começou a explicar-lhe algumas coisas dessa nova realidade, embora não com os detalhes e as respostas desejados. Nesse momento, o livro faz referência ao mito cosmogônico, uma vez que a cosmogonia é a criação por excelência do mundo e atua como “modelo exemplar para toda espécie de ‘criação’” (ELIADE, 1972, p. 20):

[...] a capivara continuava falando, veja bem, quando deus, vamos chamá-lo assim, quando deus criou o mundo, ele criou um único espírito, um espírito original, que depois separou em bichos e gente e plantas e águas e pedras e terras e ventos e tudo que há, e para que a memória desse estado anterior não se perdesse deus achou por bem deixar uma pequena passagem, um caminho secreto que permitia essas transformações, gente virar bicho e bicho virar gente, e às vezes virar planta, até pedra, [...] mas depois, com o tempo, essa passagem foi ficando cada vez mais difícil de acessar, até que praticamente desapareceu (SAAVEDRA, 2018, p. 249-250).

Quando a neta engravida do filho da patroa, vítima de uma violência velada, a Avó mostra-se ainda mais necessária na tarefa de guiar e proteger a menina. Para isso, a personagem retoma os conhecimentos herdados de sua tribo original, afinal, “não se pode realizar um ritual, a menos que se conheça a sua ‘origem’, isto é, o mito que narra como ele foi efetuado pela primeira vez” (ELIADE, 1972, p. 17). É por meio da ritualização que se pode vivenciar o mito, considerando que “não se trata de um conhecimento ‘exterior’, ‘abstrato’, mas de um conhecimento que é ‘vivido’ ritualmente, seja narrando cerimonialmente o mito, seja efetuando o ritual ao qual ele serve de justificação” (ELIADE, 1972, p. 18):

[...] a avó encheu a bacia de terra e ervas e fez um emplastro que espalhou pela barriga estufada, o que é isso, a neta perguntou, já te disse, é para proteger tua filha, para guiá-la no caminho para o lado de fora, mas como?, é uma proteção, uma barreira (SAAVEDRA, 2018, p. 151).

Entre idas e vindas, a Avó permanece ao lado da neta durante toda sua vida, aconselhando a menina, principalmente, sobre a filha que ela gerou, Anna. Mais do que uma narrativa sobre o poder e as consequências da genealogia, da família, *Com armas sonolentas* se engendra como uma obra sobre a maternidade, essa capacidade de o corpo feminino gerar e nutrir uma nova vida, e as implicâncias dessa dádiva que é também castigo, como bem ilustram os mitos, desde que o Mundo virou Mundo.

Anna, a bisneta da Avó, cresce dividida pela convivência com a mãe empregada doméstica e os patrões que, embora ela não saiba, são também seus avós, construindo uma relação conturbada com a mãe. Quando ela engravida do marido, inesperadamente, enquanto vivem na Alemanha, não consegue construir laços com a filha, sofrendo entre o arrependimento e a culpa. Certo dia, leva a bebê para passear no parque; chegando lá, recebe a visita da capivara que, sabendo de tudo, ajuda-a a tomar a decisão de abandonar a filha:

[...] a capivara acrescentou, desculpe o atraso, mas a distância é longa e eu já não sou tão jovem. Anna não sabia o que responder, mas agora estou aqui, pode ir, disse o roedor, ela achou que não entendera direito, a capivara repetiu, é isso mesmo, pode ir, ou você vai chegar atrasada [...] tudo vai ficar bem, Anna, eu cuido da sua filha, a capivara parecia sussurrar ao seu ouvido, além disso, tenho experiência, já tive muitas ninhadas, ela vai ficar bem (SAAVEDRA, 2018, p. 61).

Anos depois, já de volta ao Brasil, Anna alcança o sonho de ser atriz e, no auge de sua carreira, narra sua autobiografia em uma peça de teatro:

Não, nada é natural na natureza [...] Eu gestei “outro ser humano” dentro das minhas entranhas, nesse lugar chamado útero, esse órgão-casa, órgão-universo, e assim, de um instante a outro, surgiu alguém que antes não existia. Onde habitam os seres antes de começarem a existir, onde dormem suas marcas, suas possibilidades? E que instante-zero é esse, essa linha que separa o sim e o não, a existência e o nada, um estrondo silencioso? Um clarão?, o exato segundo ou talvez o exato milionésimo de segundo em que um amontado de células recebe esse tamanho sopro de vida? (SAAVEDRA, 1972, p. 175).

Mais do que um desabafo, Anna se pergunta sobre como a vida começa. Se “conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas” (ELIADE, 1972, p.14), é justamente o conhecimento mitológico, tão presente em sua

bisavó, que lhe falta – falta essa representada na obra por todos os nós presentes nos fios que ligam as histórias dessas mães e filhas. Maike, a filha de Anna, cresce na Alemanha, onde foi abandonada, mas sente que algo lhe falta. Em uma conversa com seu amigo Max, que parece ser uma outra representação da capivara, Maike recebe uma pista para iniciar a busca por si mesma e sua história:

- [...] A sua origem está lá. Sua origem e seu destino.
- Que destino?
- Aquilo que você veio fazer nesse mundo.
- Mas no Brasil onde, o Brasil é enorme!
- Isso você terá que descobrir sozinha (SAAVEDRA, 2018, p. 121).

Chegando ao Brasil, ela logo faz amigos e é convidada para uma festa de Carnaval, na qual acontecerá um sarau. Maike aceita o convite, mas não entende absolutamente nada da poesia declamada no sarau, embora já tenha bons conhecimentos da língua portuguesa. Ao perguntar para um amigo, ele explica que a declamação não era em português, era em: “nheengatu [...] a língua geral, a primeira, a língua que te mapeou antes de você ser quem é, para sempre incrustada no corpo, para sempre perdida, de certa forma é o que procuramos, a origem” (SAAVEDRA, 2018, p. 2013).

Essa necessidade de busca pelo retorno às origens é o tema que perpassa todas as personagens, desde a Avó, que lamenta o abandono da tribo, até a sua tataraneta, Maike, que vem ao Brasil em busca de algo que ainda não sabe o que é.

A mãe de Anna, já idosa, ao descobrir a peça em cartaz da filha, decide, aconselhada pela Avó, a ir atrás dela. Chegando ao teatro, ela conhece Maike, e as duas começam a conversar, já que ambas chegaram atrasadas e não puderam entrar para assistir à encenação. Durante a conversa, a mãe de Anna (sem saber que é Avó de Maike) diz para a menina:

[...] desprezamos a sabedoria dos antepassados, você sabe, hoje ninguém mais liga para o que os antepassados têm a dizer, mas eles sabem muita coisa sobre o mundo, e a tristeza e as doenças do mundo, é verdade, a senhora tem razão, não, ela me repreendeu, eu não tenho razão, eu sei, e saber é muito diferente de ter razão (SAAVEDRA, 2018, p. 230).

Durante o caminho que a mãe de Anna e a Avó empreendem a pé para chegar até o teatro, a Avó diz que precisará se ausentar por uns momentos, mas que a mãe deve continuar andando. Nesse período de ausência da Avó, a mãe tem uma experiência estranha dentro da própria cabeça: “o que estava acontecendo com seus pensamentos?, era como se não fossem dela, ou fossem dela desde sempre, desde um mundo anterior, no qual ela não existia” (SAAVEDRA, 2018, p. 56). Considerando a conversa que ela teve com Maike no fim desse dia, ao chegar ao teatro, parece razoável pensar que o conhecimento da Avó foi compartilhado com a neta (mãe de Anna). Ao recordar a travessia que fez com a capivara, a Avó relembra as palavras do animal: “somos a nossa herança, uma herança gravada nas palavras de nossos ancestrais” (SAAVEDRA, 2018, p. 250). Essa relevância que a obra traz, em diversos momentos da origem dos antepassados, caminha lado a lado com a função de os mitos oferecerem “uma explicação do Mundo e de seu próprio modo de existir no Mundo” (ELIADE, 1972, p. 14) por meio da retomada de como algo surgiu, “razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos” (ELIADE, 1972, p. 18).

Durante a peça, Anna conta um episódio de violência doméstica que sofreu durante seu segundo casamento. Ao relatar sua reação, seus gritos e frases, ela diz: “eu tinha a sensação de repetir as falas de um trajeto preestabelecido, palavras escritas em algum lugar” (SAAVEDRA, 2018, 179), como se já tivesse vivenciado aquela situação, mesmo sabendo que aquilo não havia acontecido antes.

Em *Mito do eterno retorno*, Mircea Eliade (1992) investiga algumas características em comum que observou em sociedades tradicionais durante um período de estudo. O mitólogo romeno percebeu “uma tendência no sentido de reconferir valor ao mito da periodicidade cíclica” (ELIADE, 1992, p. 148). Diferentemente de alguns teóricos, ele não vê nessa tendência uma resistência à história, mas, sim, uma revolta contra o *tempo* da história, “uma tentativa que visa restaurar esse tempo histórico, carregado que está de experiência humana, a um tempo que é cósmico, cíclico e infinito” (ELIADE, 1992, p. 148). Nesse sentido, o mito do eterno retorno está diretamente ligado a uma ideia específica de tempo, que difere do tempo “moderno”, histórico, embora não seja a-histórico:

Os mitos primitivos frequentemente mencionam o nascimento, atividade e desaparecimento de um deus ou herói, cujos gestos “civilizadores” são, a partir de então, repetidos *ad infinitum*. Isso equivale a dizer que o homem arcaico também conhece uma história, muito embora seja uma história primordial, situada num tempo mítico (ELIADE, 1992, p. 149).

Em *Mito e realidade*, Eliade (1972, p. 134) já havia apontado a capacidade da literatura de apresentar uma apreensão do tempo parecida com a da mitologia:

[...] a “saída do tempo” produzida pela leitura – particularmente pela leitura dos romances – é o que mais aproxima a função da literatura da das mitologias. O tempo que se “vive” ao ler um romance não é, evidentemente, o tempo que o membro de uma sociedade tradicional reintegra, ao escutar um mito. Em ambos os casos, porém, há a “saída” do tempo histórico e pessoal, e o mergulho num tempo fabuloso, trans-histórico.

Em *Com armas sonolentas*, Carola Saavedra apresenta uma noção de tempo que não se identifica com o tempo concreto, histórico. O melhor exemplo dessa categoria na obra está nas últimas páginas, embora apareça durante todo o romance: durante o caminho que a Avó e sua neta fazem até o teatro, a neta reflete: “o tempo parecia encolher e esgarçar e encolher feito sanfona” (SAAVEDRA, 2018, p. 258-259). Uma percepção diferenciada da passagem do tempo, ratificada pela fala final da Avó: “fiquei pensando, acho que é melhor esperar aqui mesmo, como tudo anda em círculos, mais cedo ou mais tarde, voltaremos ao ponto de partida” (SAAVEDRA, 2018, p. 262).

A partir dessa ideia de tempo e considerando, como visto anteriormente, que os ensinamentos parecem ser transmitidos de mãe para filha ao mesmo tempo que as personagens parecem estar envolvidas em tramas parecidas acerca da maternidade, podemos dizer que a obra apresenta também aspectos do mito do eterno retorno, considerando a definição que Eliade (1992, p. 119) propõe: “a retomada periódica, por parte de todos os seres, de suas vidas anteriores”.

Por fim, outra característica imprescindível do romance, que mencionamos superficialmente nos parágrafos anteriores, é o feminino e o princípio da fecundidade. A ausência de personagens masculinas relevantes ajuda a construir uma espécie de sistema matriarcal na organização da obra. Na mitologia, não faltam exemplos de personagens femininas e mães. Nix, a deusa da noite,

faz parte dos protogonos – as primeiras divindades, criadas no mesmo momento da criação do universo. Ela teve muitos filhos, tanto com seu irmão Érebo quanto sozinha. O poeta grego Hesíodo a considerava “mãe dos deuses”, embora esse título também seja atribuído a Gaia. Gaia, a mãe-terra, também compõe o quadro dos elementos primordiais, cultuada como uma potência geradora. Reia, sua filha, é a deusa da fertilidade e da maternidade. Especula-se, ainda, que Hera, filha de Reia, tenha sido a deusa de uma sociedade matriarcal. A deusa dos partos e das gestantes é Ilitia, filha de Hera. Assim como no romance de Saavedra, a maternidade e a genealogia são aspectos importantes para a mitologia, repletos de paradoxos, tragédias e ensinamentos.

Compreendendo o mito como uma explicação do inusitado, e não como uma simples invenção, é possível também compreender a vivência e a forma de pensar dos povos arcaicos. No entanto, como vimos, os mitos também ajudam a compreender muitos elementos do contemporâneo e têm na literatura uma de suas principais aliadas:

[...] sentimos na literatura uma revolta contra o tempo histórico, o desejo de atingir outros ritmos temporais. [...] Enquanto subsistir esse anseio, pode-se dizer que o homem moderno ainda conserva pelo menos alguns resíduos de um “comportamento mitológico” (ELIADE, 1972, p. 134).

Everything goes in circles: mythical elements in *Com armas sonolentas*, by Carola Saavedra

Abstract

This article aims to demonstrate how myths can build relationships with contemporary works. Starting from the studies and concepts defined by the Romanian mythologist Mircea Eliade, Carola Saavedra's (2018) work *Com armas sonolentas* is analyzed, and we conclude that it approaches the mythological narrative due to many aspects, such as supernatural characters, ritualizations, a passage of non-historical and cyclical time and, finally, the central theme of the work that connects directly with the very definition of myth: these arch for understanding the origin.

Keywords

Myth. *Com armas sonolentas*. Origin.

REFERÊNCIAS

ELIADE, M. *Mito e realidade*. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Coleção Debates).

ELIADE, M. *Mito do eterno retorno*. Tradução José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

SAAVEDRA, C. *Com armas sonolentas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

WIKIPÉDIA. *Nix*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nix>. Acesso em: 25 nov. 2018.